



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

GÊNERO, CLASSE E RAÇA: REFLEXÕES SOBRE AS COMPOSIÇÕES MUSICAIS DAS MULHERES DO MARACATU BAQUE MULHER

Héveny Daniele Silva Araújo

*Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão - PGCult / UFMA
heveny.araujo@gmail.com*

Resumo: Esta comunicação apresenta reflexões preliminares sobre as composições musicais das mulheres integrantes do Maracatu Baque Mulher a partir de uma perspectiva epistemológica da etnomusicologia feminista. Trata-se de uma pesquisa de mestrado em andamento que se fundamenta nos estudos sobre cultura, sociedade, gênero e música para observar e analisar o discurso das loas - canções ou hinos de louvação - escritas pelas componentes do grupo, atentando para as condições das compositoras enquanto mulheres em seus contextos de classe, raça, entre outras intersecções. Desta forma, tais abordagens serão bases fundamentais para provocar a discussão sobre de que formas a música pode atuar como instrumento na militância feminista. Além disso, tais reflexões são tentativas de provocar o diálogo sobre a invisibilidade das mulheres batuqueiras no maracatu nação.

Palavras-chaves: Mulher, Maracatu Nação, Baque Mulher, Militância, Feminismo.

Introdução: da toada ao batuque

Não é de hoje que elas escrevem, cantam e batucam. Os versos compassados pela marcação do tambor foram - e ainda são! - suas “escrevivências”, como categoriza a escritora Conceição Evaristo (2007) ao tratar da escrita literária de mulheres negras.

Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. [...] A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da

casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos (EVARISTO, 2007, p. 21).

Enfatizar nas primeiras linhas deste trabalho a questão da escrita faz-se necessário para exemplificar a existência de um sentimento de luta e militância feminista por meio das palavras. Seja na literatura ou na música, ações individuais e/ou coletivas têm promovido discussões diante da demanda em debate: os privilégios dos homens e a hierarquia de gênero estabelecida no campo artístico.

A abordagem dessa temática surge diante da minha percepção enquanto mulher,

www.redor2018.sinteseeventos.com.br



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

batuqueira¹ de maracatu e militante feminista. Reconhecer-se em tais categorias não foi uma tarefa simples. As trocas de experiências com outras mulheres, a atuação em grupos/coletivos; participação em eventos do movimento feminista; e, principalmente, as discussões junto ao Grupo de Estudos em Gênero, Memória e Identidade (GENI) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), que tem contribuído diretamente para minha percepção de mundo enquanto mulher batuqueira. Da mesma forma, as articulações entre mulheres, alimentadas pela necessidade de se (re)unir e acolher outras vozes, por vezes silenciadas, tem soado de forma estridente por meio da musicalidade.

É fato corriqueiro que as lutas de movimentos sociais têm passado por um momento de rearranjo em meio aos levantes globais contemporâneos onde o campo das práticas artísticas consiste, portanto, em modos de aproximações críticas que de forma legítima e necessária sublinham a articulação entre política e arte de resistência no contexto social. (COSTA; ROSA, p.3).

A reflexão feita por Costa e Rosa (2017) reforça a intenção desse trabalho em perceber

¹Desde 2004, comecei a tocar em um grupo de percussão - Tambores Du Mundo, em Recife, minha terra natal. Em São Luís, desde 2014, participo do grupo Maratuque Upaon Açú - grupo de percussão que tem como base musical o maracatu de baque virado, mas em seus baques e loas também exaltam os ritmos da cultura maranhense.

a música percussiva do maracatu como instrumento de luta e resistência feminista. As composições musicais das integrantes do Maracatu Baque Mulher são versos curtos, mas carregam histórias (com)partilhadas por meio da performance musical do grupo percussivo formado, exclusivamente, por mulheres.

As mulheres da minha nação²

As mulheres da minha nação / São guerreiras, batuqueiras, baianas e yalorixás (repete coro)

Conhecem a fundo o segredo do mundo com brilho da Oxum e a coragem de Oyá (repete coro)

A dama do paço carrega a calunga/ Mãe Yemanjá vem nos abençoar (repete coro)

Como apresentadas pela composição acima, as mulheres desta nação “são guerreiras, batuqueiras, baianas e yalorixás”. As referências as representações da religiosidade afro-brasileira podem ser vistas/ouvidas em quase todas as composições do grupo. Fundado em 2008 e sediado no Terreiro Yle Axé Oxum Deym, na comunidade do Bode, bairro do Pina, periferia de Recife/PE, o grupo segue os ensinamentos do Maracatu Nação Encanto do Pina³ –

²Letra composta por Tenily Guian, batuqueira da Nação do Maracatu Encanto do Pina e fundadora do Baque Mulher sediado na capital do Rio de Janeiro. Disponível na página do Baque Mulher Joinville, acessado em 23 de maio de 2018.

³Em uma época que falar em candomblé resultava em perseguição, cadeia e vergonha, Maria de Sônia fundou



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

manifestação cultural que se expressa a partir dos fundamentos do Candomblé. Vale ressaltar que, mesmo não sendo aprofundado neste momento, o marcador religião está intrinsecamente presente nos discursos em análise. Bem como também considero imprescindível situar a posição social da maioria das mulheres participantes do grupo, pois o lugar de produção e prática musical está situado na periferia da capital pernambucana. Além disso, somada a questão de gênero, religião e classe, outro marcador importante para análise é o fato dessas mulheres serem, em sua maioria, negras.

Pondero, portanto, que classificar o sujeito feminino deste artigo simplesmente como “mulheres” não é minha intenção. Não pretendo classificá-las numa perspectiva binária de gênero, mas sim apontá-la como um ser linguístico representante do discurso político em movimento,

“O sujeito” é uma questão crucial para a política, e particularmente para a política feminista, pois os sujeitos jurídicos são invariavelmente produzidos por via de práticas de exclusão que “aparecem”, uma vez estabelecida a estrutura jurídica da política. Em outras palavras, a construção política do sujeito procede vinculada a certos objetivos de legitimação e de exclusão, e essas operações políticas são efetivamente ocultas e naturalizadas por uma análise política que toma as

estruturas jurídicas como seu fundamento. [...] É minha sugestão que as supostas universalidade e unidade do sujeito feminismo são de fato minadas pelas restrições do discurso representacional em que funcionam (BUTLER, 2003, p. 19 - 21)

Por isso, mesmo já tendo apresentado algumas referências e marcadores, questiono-me: quem são essas mulheres? Como se expressam? E porque usam a música como instrumento de militância feminista?

Tais perguntas têm sido provocadas a partir das inquietações da pesquisa de mestrado em andamento e alimentada também pela necessidade do campo em refletir sobre a produção musical de mulheres. A intenção apoia-se ainda pelo fato de estar inserida nesta manifestação artístico cultural e ter a aproximação técnico-musical sobre a performance percussiva, o que tem facilitado o processo de construção da análise a contento.

As leituras iniciais apontam que tal postura tem sido adotada também por outras mulheres, pois, segundo os dados iniciais do mapeamento das produções sobre “mulheres, feminismos, gênero e música”, nota-se que no Brasil,

uma ‘onda feminista’ do e no campo de música e gênero, construída e

a Nação do Maracatu Encanto do Pina, 1980. (CAVALCANTE, 2018, p.1).



protagonizada por um grande e heterogêneo grupo de autoras/es que se dedicam e se dedicaram ao campo, com suas múltiplas vozes e vocalizações (teóricas e práticas). Estamos observando o surgimento de uma ampla e variada gama de pesquisas, autoras/es e ações precursoras, iniciadoras e continuadoras do campo, que chegam, historicamente, logo depois das primeiras pesquisas e iniciativas nessas temáticas – que, no Brasil, tiveram foco significativo em mulheres compositoras, mas não só. Ambos os *momentuns* ainda estão em curso, se entrecruzam, estão em diálogo, interdependência, inter-relação, se influenciam, e acontecem de forma não-linear, mas ou em simultaneidades, ou em continuidades e descontinuidades. (ZERBINATTI; NOGUEIRA; PEDRO, 2018, p. 6).

Deste modo, em concomitância com outras pesquisas, este trabalho irá partir do lugar de fala⁴ dessas mulheres batuqueiras e por meio de algumas das loas⁵ do Maracatu Baque Mulher tentar entender que baque⁶ é esse tocado, cantado só por mulheres. Esta será uma possibilidade de visibilizar o discurso, uma vez que as leituras iniciais têm ratificado a invisibilidade de mulheres protagonistas neste cenário, dá-se, portanto, “[...] a

emergência do campo de música e gênero no Brasil”⁷.

Marcação: escutar para observar o campo

A escolha pelo Maracatu do Baque Mulher, deu-se pela noção de pertencimento e familiaridade com o lugar e, principalmente, pelo pioneirismo do grupo. Enquanto pernambucana e batuqueira de maracatu, já participava e acompanhava as manifestações durante o Carnaval, porém a minha inserção na militância feminista e os diálogos acadêmicos junto a pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (PGCult/UFMA) tem despertado outros olhares e escutas para observar o campo de pesquisa.

Em concordância com o pensamento do etnomusicólogo Anthony Seeger (1977), esse “novo olhar” deve levar em consideração que a música apresentada pelo Maracatu Baque Mulher

⁴Conceito amplamente discutido na contemporaneidade, tem como base a teoria do discurso de Michel Foucault (1986), que implica o estudo profundo sobre o discurso, que dê conta das relações históricas, políticas, sociais e culturais existentes por trás dele.

⁵São hinos ou canções louvor aos santos. “Originalmente, as loas eram puxadas pela rainha (mãe-de-santo) ou pelo rei (pai-de-santo) e respondidas pelas catirinas (filhas-de-santo); os tocadores seriam os ogans.

Hoje em dia, no entanto, essa tradição desapareceu.” (MAAKAROUN, 2005, p. 20).

⁶ É a batida ou toque do maracatu. Podem ser: “baque solto” (tocado pelo Maracatu de Orquestra ou Rural) e “baque virado” (tocado pelo Maracatu Nação).

⁷ Trata-se do título de artigo publicado, em setembro de 2017, na Descentrada - Revista interdisciplinária de feminismos y género, da Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación - pelas pesquisadoras Camila Zerbinatti, Isabel Nogueira e Joana Pedro.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

[...] não deve ser pensada apenas como uma estrutura de sons, mas, sobretudo, como um acontecimento que se configura como desempenho e está inserido numa sociedade e numa situação dadas. (SEEGER, 1977, p.43).

Visto isso, para entender a relação das mulheres com a música, além de analisar as loas e a performance musical das batuqueiras, buscando acompanhar e registrar (por meio de gravações de áudio e/ ou vídeo; fotografias e notas de campo) os ensaios, as apresentações e os encontros do grupo, considero necessário percebê-las enquanto mulheres dentro do contexto social, político cultural no qual estão inseridas. Segundo Laila Rosa (2010), esta necessidade parte do pressuposto que o campo precisa ser visto para além do

[...] olhar que privilegia um produto (composição, execução musical de uma obra) ou mesmo processos (contextos de ensino-aprendizagem, etnográficos e musicais, etc.) sem tocar especificamente nos sujeitos que elaboram os mesmos a partir dos recortes de gênero, étnico-racial, de sexualidade, classe, geração e outros (ROSA, 2010, p.2).

Seguindo este raciocínio, a música em análise será observada além do som atribuído pelos instrumentos percussivos e coros entoados pelas batuqueiras. O contexto da performance no qual a música foi ou vem

sendo produzida, são também objeto de análise, pois o reflexo das lutas e conquistas sociais, revelados em uma cena micro, pode servir para iluminar o macro cenário da música percussiva feita por mulheres no Brasil.

Repicado: vivências cantadas

Antes mesmo de refletir sobre as questões levantadas anteriormente, permita-me destacar que o maracatu se apresenta de duas formas - de baque solto⁸ e de baque virado⁹. O Maracatu Baque Mulher está inserido no maracatu de baque virado ou maracatu nação,

manifestação artística da cultura popular e carnavalesca da Região Metropolitana do Recife em que um cortejo real desfila pelas ruas, acompanhado de um conjunto musical percussivo. Composto majoritariamente por negros e negras, os maracatus nação podem ser remontados às antigas coroações de reis e rainhas congo. Passaram por transformações e mudanças ao longo do século XX, demonstrando sua capacidade de adaptação e permanência. Trata-se, portanto, de uma forma de expressão da cultura negra, que tem sido considerada primordial na definição das identidades culturais pernambucanas, herança e resistência de negros e negras do passado. (BRASIL, 2014, p.9)

A louvação às deusas e deuses das religiões de matriz africana ocorre ao som da

⁸ Tocado pelo Maracatu de Orquestra ou Rural. Essa divisão se assemelha aos sotaques de Bumba - meu - Boi, no Maranhão.

⁹“Como a maioria das manifestações populares do país, é uma mistura de culturas ameríndias, africanas e

européias. Apesar de existirem muitas visões, histórias e hipóteses diferentes, a explicação mais difundida entre os estudiosos acerca da origem do Maracatu Nação é a de que ele teria surgido a partir das coroações e autos do Rei do Congo.” (BREVE HISTÓRIA, 2018a, n.p.).



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

orquestra percussiva: gonguê¹⁰, caixa¹¹, alfaia¹² e agabê¹³, que/os quais são a base instrumental para entoar os cânticos. Como já foi dito, os instrumentos são tocados, exclusivamente, por mulheres - uma conquista diante de um cenário predominantemente masculino. Versa a tradição e memória oral dos grupos tradicionais de Maracatu Nação que tocar os tambores de maracatu seria um papel exclusivo dos homens, pois a religião não permitia que mulheres tocassem. Considerando a temporalidade, será que essa proibição seria realmente uma questão meramente religiosa ou reflexo do comportamento social? Seja em alguns grupos tradicionais de maracatu, em Pernambuco, ou nas manifestações culturais do Maranhão, por exemplo, como no tambor de crioula, nos blocos tradicionais e/ou no bumba-meu-boi, a pergunta se repete: qual o lugar que ocupam as mulheres? o que representam? Elas tocam tambor?

¹⁰“Instrumento musical de tradição africana. Parecido com o agogô, produz um som seco e surdo.” (MOURA, 2006, p. 2).

¹¹“Tambor bimembranofone composto por um corpo cilíndrico de pequena seção, com duas peles fixadas através de aros metálicos, uma esteira de metal, constituída por pequenas molas de arame colocada em contato com a pele inferior, [...] produzindo um som repicado, característico das marchas militares.” (PERCUSSIONISTA, 2017a, p. 2).

¹²“Tambor de origem árabe usado no boi [do sotaque de zabumba] do Maranhão, no maracatu (Pernambuco), na gongada de Minas etc. É feito com pele de cabrito ou

Bate Tambor Ó Negra¹⁴

Bate o tambor ó negra/ Eu quero ver a poeira subir/ É nesse baque que Eu vou/ É nesse baque Meu amor/ Mulher guerreira tocando tambor/ Rosa e laranja/ Eu sou, eu sou/ Baque mulher Com muito amor/ Mulher guerreira a raiz nagô.

Reconhecer-se como “mulher guerreira tocando tambor” e protagonista da história cantada ao som da orquestra percussiva é um dos principais recortes desta letra. Além disso, a exaltação da mulher negra está presente na primeira linha da loa. Para a Mestra Joana Cavalcante, idealizadora e fundadora do Maracatu Baque Mulher e primeira mulher à frente do baque de uma Nação de maracatu - a Nação Encanto do Pina, o grupo

traz em sua essência a força dos orixás femininos, mulheres guerreiras. A cor rosa de Yansã e o laranja de Obá estão representadas no figurino que cobrem a pele e nas letras das canções que falam da força e do poder de estar e lutar juntas. (CAVALCANTE, 2016, p. 1).

A quebra de paradigmas do Baque Mulher inspirou outras mulheres. De norte a sul do

carneiro dos dois lados, fixada por cordas de sisal.” (MOURA, 2006, p. 3)

¹³Conhecido também por xequerê, é um “[...] instrumento da tradição nagô brasileira. É confeccionado com uma cabaça coberta por uma rede feita de algodão, com búzios ou sementes presas a ela.” (MOURA, 2006, p. 4).

¹⁴Letra composta pela Mestra Joana, idealizadora e fundadora do Maracatu Baque Mulher. Disponível na página do Baque Mulher Joinville, acessado em 23 de maio de 2018.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

país, visto que é possível perceber que as articulações dessas mulheres têm permitido promover encontros e outros espaços de diálogos tão necessários diante da atual conjuntura política do Brasil. Tornou-se um movimento de abrangência nacional – e até o desenvolvimento deste trabalho, já contava com mais de vinte e cinco grupos espalhados pelo país.

Talvez a descrição feita pela documentarista Eugênia Maakaroun (2005, p.9), na pesquisa intitulada Maracatu - Ritmos Sagrados, deixa claro o sentimento expressado pelas batuqueiras, pois para quem vê e ouve, torna-se “um brado cultural de um povo, buscando, na transcendência musical, a expressão de seu clamor místico ancestral”.

A comunicação direta e provocativa entre as condições do “eu” que faz a música/som e o “outro” que ouve/escuta perpassa pela análise feita pelo etnomusicólogo John Blacking (2007, p.201) ao abordar o “fazer “musical”, pois trata-se de

“[...] um tipo especial de ação social que pode ter importantes consequências para outros tipos de ação social. A música não é apenas reflexiva, mas também gerativa, tanto como sistema cultural quanto como

capacidade humana [...]” (BLACKING, 2007, p. 201).

Nesta outra loa, a proposta das mulheres batuqueiras reforça a afirmativa sobre a atuação do grupo, na luta e militância feminista.

É por esse baque¹⁵

É por esse baque que eu ergo a voz / Eu não ando sozinha Eu venho por mim Venho por todas nós (bis)/ E se mexer com ela / Eu não vou deixar (não vou) / Esse baque é maré/ Vem das ondas Mulher filha de Yemanjá / E se mexer com ela/ Eu não vou deixar (não vou) / Mulher guerreira com brilho da Oxum E a coragem de Oyá

Algumas palavras são atribuídas de forma a pensar como esta mulher é vista. Segundo a compositora, é pelo Baque Mulher que se “ergue a voz”. Falar alto atesta a necessidade de ser ouvida. E em seguida, ao dizer que “não anda sozinha”, é possível perceber uma interlocução com o contexto social no qual estamos inseridas. Uma vez que, mesmo com toda a trajetória, as conquistas dos movimentos feministas, ainda vivemos numa sociedade que “rotula” como perigoso ou inconsequente uma mulher andar desacompanhada.

¹⁵Letra de Helen Ábramo, batuqueira do Maracatu Baque Mulher. Disponível na página do Baque Mulher Joinville, acessado em 23 de maio de 2018.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Na perspectiva da etnomusicologia, Pinto (2001) aponta que a inserção da música nas mais variadas atividades sociais e seus significados múltiplos são fatores importantes para um plano de análise, pois

A relação entre som, imagem e movimento é enfocada de forma primordial neste tipo de pesquisa. Aqui música não é entendida apenas a partir de seus elementos estéticos, mas, em primeiro lugar, como **uma forma de comunicação** que possui, semelhante a qualquer tipo de linguagem, seus próprios códigos. Música é manifestação de crenças, de identidades, é universal quanto à sua existência e importância em qualquer que seja a sociedade. Ao mesmo tempo é singular e de difícil tradução, quando apresentada fora de seu contexto ou de seu meio cultural. (PINTO, 2001, p. 222, grifo nosso).

Além do sentido literal das palavras, a composição reafirma algumas subjetividades. Talvez o sentido de “estar juntas” lido/ouvido na sequência da letra – “eu venho por mim, venho por todas nós” - seja o mesmo sentido de coletividade/companheirismo encontrado nos “valores civilizatórios afro-brasileiros” apresentados por Azoilda Trindade (2013). Ao tratar sobre a representatividade do continente africano no Brasil, ou melhor, sobre a herança brasileira da diáspora africana, a educadora reflete que são esses

[...] princípios e normas que corporificam um conjunto de aspectos e características existenciais, espirituais, intelectuais e materiais, objetivas e

subjetivas, que se constituíram e se constituem num processo histórico, social e cultural. (TRINDADE, 2013, p. 132).

Visto que a relação com ancestralidade ou espiritualidade, como colocado por Trindade (2013), é um dos marcadores de análise deste trabalho, retomo a afirmação “eu não ando sozinha” e proponho outro ponto a considerar. O fato é que este trecho da loa faz lembrar outra canção da música popular brasileira (MPB), composta e interpretada por Maria Bethânia, no álbum “Oásis de Bethânia”. Em “Carta de Amor”, como é intitulada a canção gravada em 2012, percebe-se a repetição do trecho logo nas primeiras frases: “Não mexe comigo, que **eu não ando só, ...**”. A cantora e compositora reforça esta reflexão, pois exalta a ancestralidade durante toda canção – deusas e deuses são nomeados e cantados nos versos seguinte. O que acontece de forma semelhante na loa do Baque Mulher ao afirmar que são: “Mulher filha de Yemanjá [e] Mulher guerreira com brilho da Oxum E a coragem de Oyá”.

Percebe-se, portanto, que o coro e as músicas das mulheres do Maracatu Baque Mulher são utilizadas como instrumento de militância, uma maneira de interpretar por meio da arte a demandas políticas. Ao repetir, em voz alta, pelas ruas ou pelos palcos, “e se mexer com ela, eu não vou deixar, não vou! ”, as batuqueiras só reforçam o sentimento de luta



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

coletiva. É a partir dessas inter-relações, buscando agregar lutas individuais e coletivas que o Maracatu Baque Mulher se propõe a visibilizar e tornar possível a união de mulheres por meio da música percussiva no Brasil.

Fechamento: o que ainda será ouvido

Mesmo com tantas conquistas por parte das mulheres batuqueiras espalhadas pelo Brasil, é preciso pontuar, como também já foi observado pela antropóloga Jailma Oliveira (2011) em seus trabalhos sobre noções de corporeidade, pontuando as subjetividades de homens e mulheres, o Maracatu Nação ainda tem sua organização ordenada por gênero, percebe-se

[...] uma distribuição de tarefas e poder que oscila entre homens e mulheres, mas parece mais alargada a atuação dos primeiros. [...] Este trabalho revelou alguns desses aspectos, sobram ainda muitos outros para que se compreenda melhor as ambiguidades das relações e as desigualdades entre homens e mulheres, ordenadas pela categoria gênero no maracatu e manifestações populares. (OLIVEIRA, 2011, p. 103).

Contudo, destaco a importância e continuidade de mobilizações como esta desenvolvida pelas mulheres batuqueiras e compositoras do Maracatu Baque Mulher. Mesmo de forma artística e, por vezes, lúdica, o protagonismo dessas mulheres tem sido

refletido na militância feminista de outras mulheres no cenário nacional. Antes, muitas delas só se percebiam em funções pré-estabelecidas, como: costurar, cozinhar e/ou dançar – funções “femininas”. Hoje, para além dessas funções, nem maiores, nem menores, podem atuar, tornar-se e/ou ver-se, como quiserem, inclusive como percussionistas.

Essas reflexões, são os primeiros passos para alcançar os objetivos desta pesquisa em andamento. Pretendo, a partir desta produção científica, alinhar discussões mais aprofundadas e somar contribuições ao campo música e gênero - tanto na sociedade, quanto na comunidade acadêmica.

Referências Bibliográficas

BAQUE MULHER JOINVILLE. **É por esse baque**. Joinville, SC: Baque Mulher, 2017b. 2p. Disponível em: <<https://medium.com/@baquemulher.jlle/é-por-esse-baque-ada0bf7cc4f>>. Acesso em: 23 maio 2018.

BLACKING, John. Música, cultura e experiência. **cadernos de campo**, São Paulo, n. 16, p.1-304, 2007. Disponível em: <<http://www.journals.usp.br/cadernosdecampo/article/download/50064/55695>>. Acesso em: 24 maio 2018.

BRASIL. IPHAN. **INRC DO MARACATU NAÇÃO**: Inventário Nacional de Referências Culturais. 2014. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/a>



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

rquivos/DOSSIE_MARACATU_NA%C3%87%C3%83O.pdf>. Acesso em: 22 maio 2018.

BREVE História. [S.l.]: Maracatu.org. 2018a. 2 p. Disponível em: <<http://maracatu.org.br/o-maracatu/breve-historia/>>. Acesso em: 20 maio 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAVALCANTE, Joana. **Baque Mulher: feministas do baque virado**. [S.l.: s.n.], 2016. 1 p. Disponível em: <<https://www.facebook.com/notes/encanto-do-pina/baque-mulher-feministas-do-baque-virado/1044198802328869>>. Acesso em: 23 maio 2018.

_____. **Encanto do Pina: Histórias do Encanto**. [S.l.: s.n.], 2018. 1 p. Disponível em: <http://nacaoencantodopina.maracatu.org.br/>. Acesso em: 23 agosto 2018.

COSTA, Alexandra Martins; ROSA, Laila Andresa Cavalcante. ENTRE MÚSICAS E MUSICISTAS: A REVOLUÇÃO VIRÁ PELO VENTRE. In: 13° MUNDO DE MULHERES & 11° FAZENDO GÊNERO, 11., 2017, Florianópolis. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos)**. Florianópolis: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress, 2017. p. 1 - 13. Disponível em: <http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499438578_ARQUIVO_FAZENDOGENERO-ALEXANDRAMARTINSCOSTA-ARTIGOFINAL.pdf>. Acesso em: 28 maio 2018.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de

minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). **Representações performáticas Brasileiras: Teorias, Práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

MAAKAROUN, Eugenia de Freitas. **Maracatu: ritmos sagrados**. 2005. 123 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/VPQZ-73QKXH/disserta_o_maracatu.pdf?sequence=1>. Acesso em: 21 maio 2018.

MOURA, Fernando. **Gonguê: a herança africana que construiu a música brasileira**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006. (A cor da cultura). Disponível em: <http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/kit/Livreto_cdgongue.pdf>. Acesso em: 22 maio 2018.

OLIVEIRA, Jailma Maria. **Rainhas, mestres e tambores: gêneros, corpo e artefatos no maracatu-nação pernambucano**. 2011. 131 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/1001/1/arquivo7162_1.pdf Acesso em: 25 maio 2018.

PERCUSSIONISTA. **Caixa, tarola, caixa clara**. [S.l.: s.n.], 2017a. 2 p. Disponível em: <<http://www.percussionista.com.br/instrumento/s/caixa.html>>. Acesso em: 22 maio 2018.

FREIRE, V. B. **Horizontes da pesquisa em música**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010. p.63-81.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

PINTO, Tiago de Oliveira. **Som e música.** Questões de uma antropologia sonora. Rev. Antropol., São Paulo, v. 44, n. 1, p. 222-286, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-7012001000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 maio 2018.

ROSA, Laila; IYANAGA, Michael; ALCANTARA, Neila; HORA, Eric; SILVA, ROSA, Laila. **Pode performance ser no feminino?** ICTUS (PPGMUS/UFBA), 2010, v. 11, p. 83-99.

SEEGER, A. **Por que os índios Suyá cantam para suas irmãs?** In: VELHO, G. (Org.). Arte e sociedade. Tradução de Ilana Strogenberg. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

TRINDADE, Azoilda Loretto da (org.). **Africanidades brasileiras e educação: salto para o futuro.** Rio de Janeiro: TV escola /MEC, 2013.